

AUTISMO, ESTIGMA E VULNERABILIDADE

M^a Cristina Maia de O. Fernandes

Este trabalho aborda a condição de “diferente” ou “estranho” do autista e a possível vulnerabilidade quanto a sua posição no mundo, diante do Outro. Sabemos da complexidade e dificuldades do que propomos, daí pretendermos explorar o termo em alguns aspectos e provocar uma discussão que nos permita avançar no percurso que ora vimos trilhando.

“Um antropólogo em Marte”: assim se definiu, Temple Grandin, autista de alto nível (Sacks, 1995), apesar de se saber “uma bem sucedida desenhista de equipamento de manejo de gado, uma das poucas profissionais do gênero existentes no mundo”. (Grandin, 2014)¹. Afinal, há alguém mais solitário - e sem valia - do que um antropólogo onde não há seres humanos? Tendo como base, a leitura de algumas autobiografias de autistas², constatamos que não apenas Temple se sente assim.

Invocando o termo ‘vulnerabilidade’ para pensar o seu significado, temos que vulnerável³ é “aquele que se pode vulnerar, ferir, atacar gravemente; diz-se do lado fraco de uma questão ou do ponto por onde alguém pode ser ferido ou atacado”. O autista se enquadra nesta categoria? Como?

Para aproveitar estas significações e tecer articulações no que diz respeito ao sujeito autista, recorremos a Freud (1919) e seu conceito de ‘Estranho’, o que ele chama de *unheimlich*. Termo que define aquilo que nos é familiar, mas que, ao mesmo tempo, pode tornar-se estranho e muito assustador, ou seja, o exterior é também interior. É o estranho que confere ao sujeito, a sensação de desamparo, diante do inexplicável. A verdadeira dimensão clínica da angústia seria, pois, o que Freud chamou de “inquietante familiaridade” que reside no coração do ser de cada sujeito. Assim, podemos inferir que seria o estranho, enquanto abjeto, o que angustia porque evidencia aquilo que não se suporta em si mesmo: o “anormal”.

¹ Grandin, T. >Uma menina estranha, p.18.

² ‘Nascido em um dia azul’ de Daniel Tammet, ‘Meu mundo misterioso’ de Donna Williams, ‘Uma menina estranha’ de Temple Grandin, ‘Carly’s Voice’ de Arthur e Carly Fleischmann e outros

³ Ferreira, A.B.H. O Dicionário da Língua Portuguesa.

Já Lacan (1962-1963), em seu seminário sobre a angústia, nomeou o *unheimlich* de Freud como “*a dobradiça indispensável para abordar a questão da angústia*”⁴. Aí, ele desenvolve a teoria do objeto *a*, onde Freud traz o estranho como algo que deveria permanecer oculto, mas veio à luz. Diante da estranheza do olhar, o sujeito se confronta com o enigmático do desejo do Outro⁵, à pergunta sobre o que ele representa para o Outro. O encontro com o real que se impõe de forma abrupta precipita o sujeito em um desamparo proveniente de um exterior que lhe é íntimo. Lacan se questiona sobre o momento em que o sujeito se vê afetado pela angústia e responde que é quando ele se vê afetado pelo desejo do Outro. “*Se vê afetado de maneira imediata, não dialetizável*” e, por isso, ela não engana. De qual objeto se trata, então, quando estamos falando do autista: o que olha ou o que é olhado e não suporta o olhar do outro? Por que é tão embaraçante, perturbador, olhá-lo, chegando a deixa-lo à margem?

Em sua obra sobre a identidade deteriorada, Goffman (1980) fala de um indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena e recorre aos gregos com o objetivo de explicar que estes criaram o termo “estigma” para aludir a uma pessoa marcada – no corpo - que deveria ser evitada, especialmente em lugares públicos. Ele afirma que atualmente o termo continua amplamente utilizado tal qual o original, mas ultrapassa essa alusão ao corpo marcado. Para ele, são os ambientes sociais que estabelecem as categorias de pessoas encontradas. Então, se um estranho nos é apresentado, são os seus atributos que vão lhe conferir uma identidade social, pois imediatamente, pré-concepções iniciais passam a ser exigências normativas que são feitas a este estranho, de forma rigorosa. Exigências de como aquele outro deveria ser e que o tornam diferente dos outros, o que o faz ser “de uma espécie menos desejável” ou até, em casos extremos, ser completamente má, perigosa ou fraca. O resultado disso é sua redução a uma pessoa “estragada e diminuída”, como muitos sujeitos autistas se sentem, segundo seus relatos. É aí que mora o estigma, principalmente quando há descrédito e essa pessoa é considerada um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem, o que implica em uma discrepância entre a identidade social virtual e a real. Então, o termo estigma estaria diretamente ligado à depreciação, não está associado a atributos.

⁴ Lacan, J. O Seminário, Livro X, ‘A angústia’. Tradução do Centro de Estudos Freudianos, aula de 28 de novembro de 1962.

⁵ Diferente do outro (com minúsculo) que se refere ao semelhante, para Lacan, o grande Outro designa a alteridade radical, a outridade que transcende a outridade ilusória do imaginário (que tem a ver com o outro, semelhante) porque não pode assemelhar-se mediante a identificação. Evans, D. Dicionário Introdutorio de Psicoanálisis Lacaniano, p. 143.

Seguindo por essa linha de pensamento, trazemos Hall (2006) e suas concepções de identidade. Segundo ele, contrariando o sujeito do Iluminismo, totalmente pautado na razão, na consciência e na ação, o sujeito sociológico não é autônomo nem auto-suficiente, mas formado “na relação com outras pessoas importantes para ele”. Estas pessoas mediarão para o sujeito, os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele habita. Assim, a identidade se forma nessa interatividade entre o eu e a sociedade. Mesmo que o sujeito tenha um núcleo ou essência interior (seu eu real), ele é formado por mundos exteriores que lhe são oferecidos. Quer dizer, projetamos a nós próprios no exterior e internalizamos seus significados e valores, que passam a fazer parte de nós. Assim, a identidade sutura o sujeito à estrutura.

Mas, e o autista, que se recusa a entrar no universo da linguagem, evita ceder sua voz a uma articulação com o Outro (Laurent, 2014)? Muitas vezes, a maneira de apresentação do autismo se dá sob a forma de mutismo e de um rechaço ao mundo, uma recusa ao Outro e a tudo que se refere ao seu entorno. Esse silêncio - aí onde ele rechaça um apelo ao Outro, se recusa a essa captura pela linguagem – e mesmo as suas manobras para se desvencilhar desse Outro que o apavora, além de provocar um certo isolamento, mergulha aquele que se ocupa do autista, num não saber o que fazer, que tanto angustia.

Com isto, a ideia é pensar o lugar daquele sujeito que passa a ser estigmatizado, a partir do momento que sobre ele recai o diagnóstico de autismo e que, frente ao olhar do outro, provoca muitas vezes desconforto, posto que é “estranho”, como se ele fosse um “ser de outro planeta”, débil, incapaz.

Sabemos do imperativo de “normatização” que vem sendo imposto ao autista na atualidade, ao ser submetido a práticas educativas crescentes no Brasil e no mundo, que tentam enquadrá-lo em um modelo idealizado de normatividade. Ideal para quem? São métodos com técnicas de modificação comportamental, baseadas no ensino/aprendizagem. Todos que convivem com a criança devem receber treinamento em análise do comportamento, tornando-se hábeis na produção e manutenção de comportamentos adequados e erradicação de comportamentos inadequados. É uma prática que traz consequências para a criança, onde o “derrotismo terapêutico” é frequente (Maleval, 2017)⁶. Ignora-se a angústia da criança; educar é o imperativo, ainda que não se leve em conta até onde ela pode suportar as citadas normas. Sob

⁶ Maleval, J.C. O autista e sua voz, p 31.

nenhuma hipótese, considera-se a subjetividade; não tem a menor importância que haja um sujeito encapsulado naquela “bolha de proteção” (Laurent, 2014)⁷, pois sempre existirá uma imposição social na formulação da identidade do sujeito considerado autista, tão vulnerável que é. Sem negar a importância de uma boa educação, será que se trata apenas disso, de comportamento que se impõe e/ou que se erradica, para que o autista possa apresentar-se ao mundo como alguém “normal”?

Um autista de 13 anos – Higashida (2014) - ao responder a pergunta se gostaria de ser normal, depois de afirmar que “a vida com necessidades especiais é muito deprimente e impiedosa”⁸, enfatiza: “veja bem, para nós o autismo é normal, então não temos como saber o que os outros chamam de normal”. Ele finaliza dizendo que a partir do momento que se aprende a se amar, não sabe bem se faz diferença, ter autismo ou não. A questão que fica é: o que é ser normal?

Ano passado, um jornal internacional⁹ trouxe uma reportagem sobre um menino colombiano de oito anos que conta como é ter Síndrome de Asperger, considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) com características próprias, mas dentro do espectro autista. Ele diz: “não sou louco, nem freak, nem esquisito. Só que minha maneira de receber e processar a informação é diferente”. E acrescenta: “só quero que me ajudem a me encaixar na comunidade”.

É recorrente chegar à clínica, crianças cujos corpos vêm grifado pelo significante “autismo”, advindo tanto do campo cultural quanto do social, além da ciência médica. São assim rotuladas por apresentarem comportamentos “estranhos”, atrasos na linguagem, que contrariam uma “normatividade”, que se apegam a objetos dos quais não conseguem se separar, repetem frases, gritam, se debatem, se ferem, se isolam, numa condição de total vulnerabilidade, pois, os pais, numa demanda insistente por diagnóstico – não menos vulneráveis que os filhos – empresta-os à ciência como objetos.

Há hoje uma enxurrada de casos de autismo com múltiplas maneiras de manifestação e graus. E é de impressionar, a facilidade com que médicos e profissionais afins, até mesmo os de outras áreas, autorizam-se tão rapidamente a diagnosticar e inserir numa categoria clínica, aquele sujeito que não se “encaixa” no padrão de

⁷ Laurent, E. A batalha do autismo, p. 78.

⁸ No livro ‘O que me faz pular’, de Naoki Higashida.

⁹ Em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/20/ciencia/1513792334_779143.html (El País – O Jornal Global de 26.12.2017)

comportamento esperado pela sociedade ou pela família, mesmo aquela com um mínimo indício correlato ao que é designado por espectro autista.

Sabemos que é num lastro de desencontros inerentes à linguagem, onde se fundam mães, pais e filhos. Diante deste mal entendido fundamental, cada um vai inventar sua particular maneira de responder ao real que lhe é imposto, o que implica numa diversidade de formas de laço social, incluindo o que se convém chamar “família”, em suas distintas versões.

É importante que as famílias acolham as manifestações e afinidades dos autistas, por mais bizarras ou estranhas que se apresentem. E parece que as versões de famílias de autistas tem se modificado com o tempo. Hoje, fala-se abertamente sobre os filhos, criam associações onde se partilha experiências, vivências, dores, angústias. Ao mesmo tempo, crescem também as autobiografias, livros, documentários, filmes sobre o tema. Contrariando a ideia de Kanner de que o autismo seria proveniente da falta de afeto dos pais, até mesmo a teoria da “mãe geladeira” que tantos estragos causaram às famílias - inclusive à psicanálise até os dias de hoje – fala-se hoje de investimento, de mobilização e não de conformismo a um diagnóstico que pode tornar-se uma sentença e não uma via de orientação para o tratamento. Autistas relatam repetidamente o quanto necessitam das famílias para se sentirem seguros. Será que estão falando de sua condição de vulnerabilidade diante não apenas do Outro escolar, social, mas da própria ciência, que os revira pelo avesso em busca de respostas?

Também têm surgido autobiografias, blogs e facebooks, enfim, endereços nas redes sociais onde autistas descortinam seus mundos e dão um certo norte de como tratar, como proceder com estes “estranhos sujeitos” tão especiais, quer seja na clínica ou no dia a dia, o que inclui os familiares. Depoimentos de pais e mães sobre alguns “antes e depois”, sobre relações construídas a partir do autismo, de esforços desmedidos empreendidos em busca de tratamento para seus filhos, histórias de “respeito” a sua condição e alegrias com suas conquistas, talvez em contraponto a um passado não muito distante, quando o autismo era um tabu e visto com desprezo, segregação e preconceito. Apesar de não sermos muito otimistas e apostarmos numa mudança radical, afirmamos que é possível se falar de avanços na maneira como se encara o autismo e o autista hoje. Recentemente, fomos brindados com um seriado na TV¹⁰ que já em seu título, traz a condição do autista: *Atypical* (2017)¹¹. Atípico tem a ver com tudo aquilo que

¹⁰ Pela Netflix, provedora global de filmes e seriados da TV via streaming

foge da norma, que é incomum, raro. Nos episódios da série, vê-se a luta de um adolescente autista para entender o mundo que lhe rodeia, nele se inserir e construir um laço amoroso. Ainda que seja ficção, é inegável a maneira leve e até divertida como o seriado lida com a condição de “estranho” de Sam, quando ele é estigmatizado pelos colegas na escola, muitas vezes motivo de zombaria.

Mas, paralelo a isso, surge a cada dia, uma enxurrada de cursos de projetos, cursos de Especialização em TEA, cursos de orientação a pais e familiares, clínicas especializadas. É, esta faca tem dois gumes e o autista está virando “espetáculo” e vulnerável até às demandas do capitalismo. Há um certo exagero em processos de inclusão do autista, como se ele fosse um ET, mas muitas vezes há um interesse comercial que subjaz esta “boa” intenção, já que as escolas e cursos são bastante caros e rentáveis. É preocupante este uso do significante “autista”, pois, com essas práticas, corre-se o risco de perpetuá-lo no lugar de vítima – posto que é “estranho” – colocando lenha na fogueira da vulnerabilidade ao invés de proporcionar acesso a lugares compatíveis com a vida.

Na atualidade, convivemos com uma “inclusão/inserção-mania” que prescreve formas de atuar com determinados sujeitos, atendendo a um discurso social que não dá lugar ao um a um. O discurso imposto pelas políticas de inserção dispensa a singularidade e as condições de cada um. Tem no horizonte, apenas o imperativo: “é imprescindível incluir”. Essa questão toma uma maior complexidade quando estamos nos referindo ao autista, que vive às voltas com um Outro invasivo, ameaçador, tsunâmico, do qual ele luta para se desvencilhar se utilizando de suas invenções, ainda que o preço a pagar, seja a desinserção, a solidão.

A palavra inserir, em sua forma de abrangência, abarca vários significados: incluir, colocar, encaixar, intercalar... Ao mesmo tempo, socializar tem a ver com coletivizar, com despertar nos sujeitos o sentimento coletivo, de solidariedade social e de cooperação, além de ser um processo de adaptação de um sujeito a um grupo social...¹² Elucidamos, então, que socializar é inserir no social, aquele que foi excluído, por ser estigmatizado.

¹¹ Série norte-americana de comédia dramática original, de autoria de Robin Rachid, que conta a trama de um garoto de 18 anos.

¹² Dicionário Houaiss Eletrônico

“O desejo de inserção é, no ser falante, um desejo fundamental. O ser falante deseja se inserir¹³”. Assim Miller aborda o tema da inserção/desinserção, articulando com o que Lacan chamou o discurso do Outro, que implicaria em comunicação, em troca e inversão de mensagens. Isto nos dá a indicação de que o social é radicalmente, a raiz. Mas, para se pensar a desinserção, é preciso falar de lugar, o que remete a espaço métrico, ao lugar que se tem em relação ao dos outros, que é muito importante para cada um. Se aí se produz uma troca, sabe-se dos problemas que isso pode produzir em um sujeito. Miller afirma que “fazer parte, pertencer, a clínica nos mostra a que ponto isto é importante para cada um”¹⁴ e que quando o sujeito perde isso, advém patologias de todo tipo, pois toca o ser, toca o objeto *a*.

Como acolher essas soluções singulares sem cair no “*como todo mundo*”, que aponta Miller, ao falar do discurso do mestre que quer sempre a mesma coisa para todos¹⁵? Se não se trata de um forçamento autoritário de submissão ao discurso do mestre, como podemos pensar a prática com autistas sem cair no standard do “saúde para todos?”

É necessário que os dispositivos que se ocupam do autista hoje coloquem o centro de gravidade no um a um, o que vai na direção contrária do imperativo de socializar, incluir – a todos - a qualquer preço. Trabalhar com o autista é optar pelo não standard, é recusar modelos fixos, rígidos, é ser receptivo às surpresas e às contingências que essa prática oferece. É também respeitar as escolhas que faz o autista, fazer um bom manejo da sua solidão. É escutar, é apostar na palavra (se ela se colocar), mas também acolher o seu silêncio. É fazer bom uso de sua vulnerabilidade, no sentido de entrar em seu universo, mas para acolher suas afinidades.

O analista, frente ao impossível, com o desejo, deixa-se surpreender pela clínica, vai de encontro ao imperativo de socialização, de inserção, de inclusão que é, por si só, segregador e fortalece a vulnerabilidade.

Ao contrariar a ideia de que o autista é um estranho, ao não valorizar os nomes que ele porta na porta de entrada do tratamento, o analista pode acolher suas invenções e afinidades e priorizar uma via de acesso possível a esse sujeito, na contramão – ou além - de práticas educativas, adaptativas ou corretivas que concorrem para esmagar uma possível subjetividade, distanciá-lo ainda mais e calar sua voz.

¹³ Miller, J-A. Du désir d’insertion, et Autres themes, in Désirer s’insérer?

¹⁴ Miller, J-A. Idem

¹⁵ Miller, J-A. Sutilezas analíticas.

Drummond (1980), num poema que toca na igualdade enfadonha entre coisas e fatos, proclama que “o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou coisa. Não é igual a nada. Todo ser humano é um estranho ímpar”¹⁶. Ser parceiro do autista – na análise ou fora dela - inclui atos, como levar esse termo à radicalidade para que, em detrimento de um nome atribuído, este *estranho ímpar* possa aí, advir.

Ainda que exista um movimento de abrangência mundial para desmembrar psicanálise e autismo, testemunha-se avanços importantes com sua orientação. O psicanalista faz um esforço a mais para, ao fazer a diferença, trazer a diferença, evocar a singularidade desses sujeitos colados em rótulos que os distinguem dos “normais”. Acolhe os apelos de escuta e estabelece uma parceria na “batalha sem trégua do autista”¹⁷. Mesmo que ele seja um “estranho”. Afinal, “de perto, ninguém é normal”¹⁸.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Andrade, C. D. A paixão medida. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.
- Freud, S. O Estranho. ESB, Vol. XVII. Rio do Janeiro: Imago Ed. Ltda, 1980
- Grandin, T. & Scariano, M.M. Uma menina estranha. São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- Hall, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- Higashida, N. O que me faz pular. 1 ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014
- Goffman, E. Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- Lacan J. O Seminário Livro 10. A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005
- Laurent, É. A batalha do autismo. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2014
- Martínez, H. L. Reportagem de 26.12.2107, em El País. In https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/20/ciencia/1513792334_779143.html
- Miller, J-A. Os Casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica, São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, julho/1998
- _____ Du désir d’insertion, et autres themes, em Désirer s’insérer? Revista do Les Feuilletts du Courtil, Psychanalyse et institution, nº 31, 2009
- _____ Sutilezas analíticas. Buenos Aires: Paidós, 2011

¹⁶ Andrade, C.D. Igual-desigual.

¹⁷ Higashida, N. O que me faz pular, p. 150.

¹⁸ Música de Caetano Veloso, Vaca Profana

Sacks, O. Um antropólogo em Marte – 7 histórias paradoxais. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

Facebook:

<https://www.facebook.com/search/top/?q=soy%20diferente%20soy%20como%20tu>